

Forjando nosso olhar transdisciplinar

II ENCONTRO DE MEMBROS CETRANS
12 a 14 de março de 2010
Sarau na Gruta

Maria F. de Mello
Vitória Mendonça de Barros
Fevereiro de 2010

Muitas são as raízes da transdisciplinaridade. Suas expressões beberam na natureza, nas artes, nas tradições sapienciais, em diferentes linhas filosóficas e na física do século XX. Muitas são as áreas de conhecimento que nutrem e podem ser nutridas por ela, por isso sua legitimidade é por vezes palpável, por vezes intuída e por vezes velada. Mas seja se experimentada como *visão* – *atitude* – ou *práxis* nela subjaz a longa peregrinação do indivíduo questionante em busca de si mesmo.

Um tema recorrente, mas nem por isso tão evidente na transdisciplinaridade é o retorno ao chão pátrio, àquilo que é essencial, nobre e simples, alegria e sofrimento. A necessidade deste retorno, expresso das mais variadas formas na história do homem, confere à transdisciplinaridade seu caráter de ser ao mesmo tempo antiga e recente; próxima e distante; presente e esquecida; temporal e atemporal, imanente e transcendente.

Muitos espíritos transdisciplinares, das mais variadas áreas do conhecimento reconhecem o esforço hercúleo dos filósofos do século XVIII tardio, que conceberem uma marcha da história cultural, no sentido antropológico, social e espiritual, partindo do mundo simples, do estado natural, da compreensão da alma da natureza e passando pela cisão e pelo estranhamento da era moderna, procuraram deixar emergir o novo a partir de uma nova união entre o “eu” e o mundo. Eles redescobrem o valor do “*entre*” porque este marca um espaço, uma dimensão nova onde o poeta joga, brinca e assim ilumina o mundo. Como nos diz Heidegger,

“a essência dessa dimensão é a disposição iluminada do ‘*entre*’, e por isso permeável: o para cima em direção ao céu enquanto o para baixo em direção à terra” (Werle, p.62). Essa dimensão é sustentada pelo sagrado entendido aqui como o espaço que “ultrapassa todo e qualquer setor específico da experiência humana” (Werle, p.63).

“...O Sagrado está acima dos deuses e dos homens, do céu e da terra, enfim, está acima de toda a natureza na medida que transparece pelo seu todo e permite que ela se ilumine.” (Werle, p. 63) Assim, o sagrado se constitui em tudo o que permeia deuses e homens e permanece oculto, inacabado e aberto: é o mistério, aquilo que não compreendemos, mas que nos afeta. Ele é, segundo Heidegger, um repousar em si mesmo, uma relação com os objetos e ao mesmo tempo, o que existe ‘entre’ esses dois níveis.

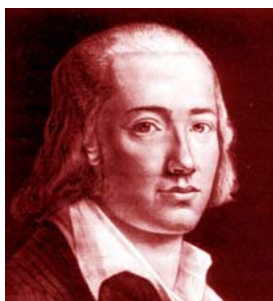
O poeta, então, é aquele que percebe esse ‘*entre*’ e reconhece que a ele é dado o direito de anunciar a plenitude da existência humana quando realiza sua obra e faz poesia, mas só se estiver receptivo à dimensão na qual está situado, se mantendo acima dos homens e abaixo dos deuses. Essa concepção de obra poética que deu origem ao movimento que

surgiu no século XVIII, denominado Romantismo, foi esvanecida pelo avanço do racionalismo e pelo sucesso do espírito científico preponderante na época e no século seguinte. Mesmo assim, o clamor destes visionários românticos nos foi legado em seus poemas, livros e tratados, expressões plásticas e composições musicais.

Dentre tantos românticos visionários, um deles inspirou e forjou sobremaneira, o olhar e muitas expressões de cunho transdisciplinar de onde hoje bebemos. Hölderlin, nascido na Alemanha, poeta, romancista e filósofo que viveu entre 1770 - 1843 descreve o conflito de separação e fusão como um antagonismo constante e simultâneo de dois impulsos que atuam como forças físicas: a penúria e a abundância.

Já no século XIX, também fortemente inspirado pela força do romantismo do século anterior, surge outro espírito transdisciplinar, Reiner Maria Rilke, nascido na Checoslováquia, escritor de prosa e verso, que viveu entre 1875-1926 chamado o poeta do inefável e da precisão do olhar, que com delicadeza de sentimento soube desvelar veredas da vida cotidiana na sua multidimensionalidade e multirreferencialidade.

A torrente do pensamento holderliano vem de Platão. Ele compreendeu e tratou da contradição e do contraditório. Ele presentificou o paradoxo na compreensão da realidade. Ele compreendeu o mistério do real, aquilo que jamais será desvelado. Dizia ele: *"O puro só pode ser representado no impuro e, se tentarem admitir o nobre sem o vulgar, resultará o mais afetado de tudo, o mais absurdo."*



Observamos que ...“na poesia moderna, por mais paradoxal que essa afirmação possa parecer, a sua unidade consiste exactamente na pluralidade, na fragmentação e na transcendência da palavra. Assim, a palavra diz sempre mais do que o que diz, ela ultrapassa os limites da mera compreensão inteligível do texto poético, bem como o momento histórico em que nasceu. Em Holderlin já aparece a mudança de coloração, o constante movimento, a pluralidade, a fragmentação e a transcendência valorativa da palavra muito embora ele não seja um poeta moderno. (Costa)” Para Hölderlin a Arte e sobretudo a poesia lírica, encontra-se sempre em movimento, não é algo definitivo, acabado, completo. Ela, tal como a própria humanidade, encontra-se

sempre em pleno movimento, está sempre se reconstruindo e se recriando e assim ultrapassa os condicionamentos do tempo histórico, torna-se atemporal, pois tem as suas origens na música. A poesia de Hölderlin expressa desde o extremo mais apolíneo do ser até ao extremo mais dionísio: nos fala do homem racional, do homem da medida, do homem consciente dos seus limites, sóbrio como Apolo, mas nos fala também da energia brutal, do lado sombrio da existência, da transcendência de todos os limites humanos, movido pela paixão como Dionísio.

Hölderlin escreve numa carta em 1796 dirigida a Friedrich Niethammer, professor de Filosofia e Teologia, em Jena, que se encontra à procura de um princípio estético capaz de *“esclarecer a divisão em que nos pensamos e existimos, mas que seja, ao mesmo tempo, capaz de fazer desaparecer a contradição existente entre sujeito e objecto, entre nós mesmos e o mundo e, igualmente, entre a razão e a revelação”*. (Costa)

Hölderlin percebe uma ruptura intransponível entre a substância” (Stoff) do mundo vivo ou da matéria e o desejo do espírito idealista, e o homem enquanto pura razão não consegue ultrapassar esta ruptura: a razão e o ceticismo científicos tendem sempre a dividir as coisas. Assim o raciocínio puramente racional e tecnológico não consegue aceitar a unidade das coisas visto que nega ao homem todo e qualquer ato de magia, todo e qualquer ato alquímico, ele só acredita naquilo que as garras da ciência podem tocar. Holderlin portanto foi um crítico da modernidade que estava apenas nascendo e como crítico, influenciou importantes pensadores que vieram depois dele como Nietzsche e Heidegger e o escrito de muitos autores transdisciplinares que se expressaram depois na segunda metade do século XX e neste século.



A beleza da prosa de Rilke e de seus pensamentos vem dos escritos sagrados, da profunda observação e amor pela natureza e do mergulho em si mesmo. Dizia ele: *"Eu não sei de nenhum outro conselho a não ser este: mergulhe na sua interioridade e dimensione as profundezas de seu ser de onde toda a vida jorra"*.

Contradição, natureza, nobreza, simplicidade e o belo vibram nas falas de Hölderlin e de Rilke. Ambos, almas transdisciplinares, souberam tratar a **unicidade diversificante de todos os seres!** Escutem agora algumas de suas falas:

A canção de Hipérion (Hölderlin)

Oh santos génios! Vós caminhais,
lá por cima, em luz, sobre terra suave.
Brilhantes deuses etéreos
Tocam-vos levemente,
Qual os dedos da artista
nas cordas santas

Sem destino, como a criança
Adormecida, os anjos respiram;
Castamente guardado
Em discretos botões,
O espírito floresce-lhes,
Eterno,
E os santos olhos
Vêem em silenciosa
E eterna claridade.

Nós, porém, fomos condenados a errar,
Sem descanso, p'la terra fora.
Ao acaso, de uma
Hora para a outra,
Os homens sofrendores
Somem-se e caem,
Como a água atirada de
Recife para recife,
Ano após ano, na incerteza.

Empédocles (Hölderlin)

Procuras a vida, procuras, e um fogo divino,
Vindo do fundo da terra, jorra e brilha em ti;
E tu, numa ânsia arrepiante, atiras-te para o
Fundo do Etna em flamas.

Assim, fundi no vinho as pérolas do excesso
Da rainha; pois ela o desejou!
Ó poeta, não tivesses tu imolado a tua
Riqueza na fermentação do cálice!

Para mim, porém, és santo como o poder
Da terra que te tomou, ó morto temerário!
E, se o amor não me impedisse, desejava
Seguir o herói até as profundezas.

Hipérion (Hölderlin)

Ser um com Tudo, esta é a vida da deidade, o céu dos homens. Ser Um com tudo o que existe para retornar ao todo da natureza em venturoso esquecimento de si mesmo, este é o ápice dos pensamentos e alegrias, o cume sagrado da montanha, o lugar da calma eterna. (...) Ser Um com tudo o que existe! (...) e todos os pensamentos desaparecem ante a imagem do mundo eterno e uno como as regras do artista que anela por sua Urânia, e o destino de bronze renuncia à dominação e, da união dos seres, desaparece a morte, e, não separação e juventude eterna tornam ditoso o mundo, embelezam-no.

Cartas a um jovem poeta (Rilke)

... procure pensar nas **pequenas coisas que não vemos**....
... e que poderão dar uma resposta às perguntas que faremos
... e que de maneira imprevista podem se tornar grandes e incommensuráveis

... não invista agora nas respostas que não podem ser dadas
... **tente ter amor pelas próprias perguntas**
... viva agora as perguntas
... as respostas virão sem perceber
... tente ter **confiança no que vier**...eduque-se para isto
... se reconhecer apenas isto e chegar a conquistar:
 a partir de si,
 de sua disposição
 de seu modo de ser
 de sua experiência, infância e força
... uma **relação inteiramente própria nascerá** (não dominada pela convenção e pelo hábito)

(trad. de Pedro Sussekind)

Hora Grave (Rilke)

Quem agora chora em algum lugar do mundo,
Sem razão chora no mundo,
Chora por mim.

Quem agora ri em algum lugar na noite,
Sem razão ri dentro da noite,
Ri-se de mim.

Quem agora caminha em algum lugar no mundo,
Sem razão caminha no mundo,
Vem a mim.

Quem agora morre em algum lugar no mundo,
Sem razão morre no mundo,
Olha para mim.

(trad. de Paulo Plínio Abreu)

Bibliografia

- Heidegger, M. *Ser e Tempo*. Petropolis: Ed. Vozes, 2009.
- Hölderlin, F. *A Morte de Empédocles*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.
- Elegias*, Assirio e Alvim. Lisboa: Editora Lisboa, 1992.
- Poemas*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1991.
- *Hipérion ou O eremita na Grécia*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.
- *Observações sobre Édipo e observações sobre Antígona* e Beaufret –
- Hölderlin e Sófocles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- Rilke, R.M. *Cartas a um jovem*. Porto Alegre: Edição L&PM POCKET, 2009.
- Werle, M.A. *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

Webgrafia

- Costa, L. *Poeta e ensaísta. Inédito em livro*. Portugal: contacto:
l.costa@web.de, visitado em 20 de fevereiro 2010.